

OS ÓRFÃOS DA CAPITAL SONHADA

COM UM CRESCIMENTO POPULACIONAL DUAS VEZES SUPERIOR À MÉDIA NACIONAL, O DF DE 2,5 MILHÕES DE HABITANTES NÃO DEIXA ESPAÇO PARA A QUALIDADE DE VIDA DE BOA PARTE DOS MORADORES

DIEGO AMORIM
DA EQUIPE DO CORREIO

O boom populacional de Brasília não estava nos traços de Lucio Costa, o urbanista que planejou a cidade. De 1980 para cá, a população brasileira cresceu 54,6%. O Distrito Federal, por sua vez, registrou, no mesmo período, um salto de 108,6%. Hoje já são quase 2,5 milhões de pessoas espremidas no DF. Se não bastasse, o Entorno também cresceu de maneira assustadora. Nos últimos sete anos, a região que engloba 19 municípios goianos e três mineiros teve a população aumentada em 16,5% — o dobro da média observada no Brasil.

Por mais que não estivesse nos planos de quem a sonhou, Brasília virou cidade grande, com todos os efeitos colaterais que esse fenômeno causa. Aos 48 anos, a capital do país continua a atrair milhares de imigrantes. E os governos que se revezaram no poder nessas quase cinco décadas não deram conta de enfrentar a situação como deveriam. Pelo contrário, acabaram em alguns casos por estimular o crescimento desordenado. "Essa situação é uma crítica direta a quem governa. O básico é investir em educação, saúde e trabalho, mas a opção tem sido distribuir lotes, alargar pistas e construir viadutos", comentou geógrafo e pesquisador associado da Universidade de Brasília (UnB) Aldo Paviani.

Com tanta gente chegando e vivendo no mesmo espaço, a cidade inchou. Afaltaram, renda, emprego, opções de lazer, infraestrutura para todo mundo. Aos poucos, inevitavelmente, como em toda cidade grande, começaram a aparecer problemas como o desemprego e a violência.

“O BÁSICO É INVESTIR EM EDUCAÇÃO, SAÚDE E TRABALHO, MAS A OPÇÃO TEM SIDO DISTRIBUIR LOTES, ALARGAR PISTAS E CONSTRUIR VIADUTOS”

“Aldo Paviani,
geógrafo e pesquisador
associado da UnB

A mato-grossense Marinalda Alves, 47 anos, veio para Brasília com o pai e quatro irmãos em 1972. A família alugou casa em Ceilândia e ali viveu durante 20 anos à espera de auxílio do governo. "Fizemos inscrição para ganhar lote, mas nunca chegamos nem perto de receber nada", lembrou. Até agosto, a mulher que tem uma história

parecida com a de muita gente espalhada pelo DF, vivia em um terreno no Setor dos Pioneiros, na Vila Estrutural. Certo dia, "um pessoal do governo" disse a ela que o local ficava perto de uma nascente e derrubou tudo o que conquistara em anos de trabalho. Hoje, mora em um lote deixado pelo marido: "Se não fosse essa herança, eu seria uma sem-teto".

Brasília foi dura com Marinalda como foi com Carlos. O homem que diz não se lembrar nem do próprio sobrenome pediu, há 10 anos, demissão da sorveteria onde trabalhava em Patos de Minas (MG) e se mudou para Brasília. "Eu queria viver melhor, com mais liberdade. No começo eu ficava nas cidades do Entorno, mas lá não dá para ganhar dinheiro com nada. Então, me mudei para a Esplanada e vigio carros", contou Carlos, que mora na rua e ganha cerca R\$ 30 por dia como flanelinha. "Gasto tudo com picolé e comida. Não quero emprego, não quero casa, nem nada do governo. Só viver minha vida sem atrapalhar ninguém", comentou.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este mês mostraram, por exemplo, que a taxa de desemprego no DF está em 11,8%, contra 8,2% da média nacional. Na área da educação, a evasão escolar aumentou e o analfabetismo continua: 129 mil moradores do



DE PAPO PARA O AR, AOS PÉS DO PODER

Carlos não se lembra do sobrenome e vigia carros na Esplanada dos Ministérios. Num bom dia, ganha R\$ 30



QUATRO FILHOS, POUCAS CHANCES

A cearense Tereza de Souza vende brincos e água na Catedral. Se pudesse, voltaria hoje mesmo para Fortaleza

DF não sabem ler nem escrever. Brasília não é uma cidade blindada, não está livre das mazelas sociais. A série de reportagens que o Correio publica desde quarta-feira é mais uma mostra disso.

Os meninos e meninas que caíram na armadilha da exploração sexual infantil e do consumo de drogas na Rodoviária do Plano Piloto são de cidades do DF e do Entorno. O crescimento desordenado da região tem sua parcela de culpa pela situação a que chegaram essas crianças e adolescentes. A opinião de especialistas ouvidos pelo Correio é de que a vergonha no coração da capital federal revela a falta de cuidado com que os governos encararam o crescimento populacional. Agora, acreditam eles, é preciso correr contra o tempo, mas com um pensamento a médio e longo prazo.

O que precisa ficar claro, segundo a professora da Universidade de Brasília (UnB) Ana Maria Nogueles, é que o imigrante, frequentemente, acaba injustiçado nessa história. Brasília oferece boas oportunidades. Por isso, ainda atrai pessoas. "O problema não está na população de imigrantes. Está na falta de estrutura para recebê-los", ressaltou Ana Maria, doutora em demografia e coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB. "A educação é o segredo. Quanto mais educação, menos desemprego, menos criminalidade", opinou a presidente da Ordem dos Ad-

vogados do Brasil no DF, Estefânia Viveiros.

Quando a cearense Tereza de Souza, 48 anos, saiu de Fortaleza, aos 14 anos, com o primeiro grau incompleto e recém-casada, ela e o marido queriam emprego e casa própria. Ao chegar à capital federal, ela encontrou uma realidade

“O PROBLEMA VERDADEIRO NÃO ESTÁ NA POPULAÇÃO DE IMIGRANTES, MAS, SIM, NA FALTA DE ESTRUTURA PARA PODER RECEBÊ-LOS COM DIGNIDADE”

“Ana Maria Nogueles,
doutora em demografia e
coordenadora do Núcleo de
Estudos Urbanos da UnB

de bem diferente da que esperava. "Nunca tive facilidade. Não consegui emprego com carteira assinada nem lugar para morar", contou a mulher, que se separou do marido há 10 anos e foi morar na Estrutural. Para sustentar os quatro filhos, vende brincos e água em frente à Catedral Metropolitana de Brasília. "Tem dia que dá para

tirar até R\$ 40, mas é raro. A vida aqui não é boa. Se eu pudesse, voltava hoje mesmo para minha terra", disse.

A vida da baiana Aurinda Maria de Jesus, 44 anos, também não é simples. Ela sai da casa onde vive, em Luziânia (GO), todos os dias às 6h para ir a Taguatinga. Vende chapéus e guarda-chuvas no centro da cidade, em uma banca improvisada, e só volta para Goiás no fim da tarde. "Procuri trabalho em vários lugares, mas sempre me chamavam de velha e diziam que não tinham lugar para mim. Agora me viro como posso", relatou. "Em Luziânia não vendo nada, se vendendo fio de fio. Assim, não consigo nem comer. Venho para o Distrito Federal para poder viver, aqui as pessoas compram mais".

Durante muito tempo, Brasília sustentou o título de "ilha da fantasia". "Pode até continuar sendo, mas é uma ilha para muito poucos", disse o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no DF, Alfredo Gastal.

"Isso já acabou. A 'ilha da fantasia' era um sonho que virou pesadelo", emendou o presidente da Comissão de Direitos Sociais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), André Macarini. Mas experimente dizer isso para quem está no governo. "Se o sonho acabar, acaba a vida", afirmou a secretária de Desenvolvimento Social e Trabalho do DF, Eliana Pedrosa.



ALTA DEMANDA NOS HOSPITAIS

Adoméstica Maria das Graças penou para fazer um exame no Gama

SAÚDE, SINTOMA DA COMPLICAÇÃO

A área da saúde é uma das que mais sofrem com o crescimento desordenado no Distrito Federal e no Entorno. "Do jeito que está, não há como gerir a saúde pública do DF", avaliou o promotor Jairo Bisol, titular da Promotoria de Defesa da Saúde do Ministério Público. Há dois anos, ele é um dos principais atores na luta para que os governos do DF, de Minas Gerais e de Goiás coloquem em prática soluções para resolver o problema. Sem infraestrutura nas cidades do Entorno, os moradores frequentemente migram para o DF em busca de atendimento médico de qualidade.

Um dos sintomas dessa situação pôde ser visto no fim da tarde da última sexta-feira. Mais de 30 pessoas esperavam por atendimento no setor de radiologia do Hospital Regional do Gama (HRG), a unidade do DF que mais recebe moradores do Entorno. No fim da tarde, por volta das 18h, houve um início de tumulto. Pacientes revoltados com a demora ameaçaram

invadir as salas de raios X. Muitos esperavam havia mais de quatro horas. "Meu nariz está quebrado desde quarta-feira e não consigo fazer esse exame aqui. Preciso da radiografia urgentemente para fazer uma operação", disse a doméstica Maria das Graças Ramos, de 33 anos, moradora de Valparaíso.

Por dia, passam, em média, 500 pacientes pela radiologia do hospital. Segundo o diretor, Sebastião Pedrosa, 60% dessas pessoas vivem fora do DF. O HRG tem duas máquinas para exames de raios X e uma está quebrada. "Esse setor é um dos mais movimentados. Não temos estrutura para atender a demanda. Temos de privilegiar quem chega em pior estado. Infelizmente, é assim que funciona", lamentou Pedrosa. "Estamos trabalhando para melhorar a situação, mas não há como deixar de atender quem não é do DF", deixou claro a coordenadora de Atenção Primária à Saúde e Estratégia de Saúde da Família da Secretaria de Saúde, Jacira Abrantes.



O GDF prometeu levar a UnB para as cidades. Quando isso vai acontecer?

240 alunos da Ceilândia, 240 do Gama e 600 de Planaltina já fazem UnB em suas cidades.

A UnB nas cidades já é uma realidade. Na Ceilândia, são cinco cursos e, no Gama, quatro. E o GDF vai iniciar nessas cidades a construção de mais quatro prédios para 5 mil alunos. Já em Planaltina, 600 alunos estudam em três cursos e o campus já está sendo ampliado para receber 3.100 alunos. É mais educação superior, de graça, para quem mais precisa.



VIAJANTE POR NECESSIDADE

A baiana Aurinda Maria de Jesus, de 44 anos, mora em Luziânia (GO), mas encara o ônibus diariamente para vender chapéus e guarda-chuvas em Taguatinga. "Aqui as pessoas compram mais"



ETERNA ESPERA POR LOTE

A mato-grossense Marinalda Alves, de 47 anos, passou duas décadas numa casa alugada em Ceilândia à espera de um pedaço de chão prometido pelo governo, que nunca veio